

AVENÇA

Visado pelo
Comissário de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 275 • PREÇO 1200



PANORAMAS

O facto de se haver calado no jornal esta interessante secção, de maneira nenhuma significa que também o tenhamos feito junto dos nossos amigos. Não significa. Muitas vezes e por muitas maneiras lhes falamos. São conhecidas no Barredo *as senhoras da Casa do Gaiato*.

No domingo passado fui eu. O Fernando Marques, antigo *Piolho*, pediu-me e também foi. Deixamos o *Morris* na Praça da Ribeira, tendo sido ali próximo a nossa primeira visita. O portal do prédio é um estabelecimento de frutas e hortaliças, sendo também habitação da vendedeira. Ali vemos o fogão, um gato, trastes, aves domésticas presas por cordeis. Quem não estiver afeito não atina. Não tem coragem. Não é capaz de entrar. Tendo nós atravessado aquela mastigada, vem o escuro. Uma rapariga nova que tomamos por filha da vendedeira, rapa duma caixa de fósforos e desata a acender neles.

Chegados ao patamar, vem a luz duma janela. Ao pé fica uma alcova que eu já conhecia. Ali morreu o João tuberculoso. Quantos depois dele! E antes?!... Hoje, no leito, que não sei se é o mesmo, deita-se uma criança, a mãe dela, uma estranha sem cura e no chão mais uma inquilina! Renda? Os olhos da cara! Não subi. Fiquei na alcova.

Era ali quem eu procurava. Por mais que eu dissesse que não, tive de ver a ferida. Ela é dor constante da padecente. É a sua vida. Mostrando-ma, deu-me sinal de estima. Quiseram cortar-lhe as pernas. Ela não quis. Tem seis escudos por semana da Conferência de S. Nicolau e mais nada. Uns minutos e eis-nos de novo na Praça. É a calma do domingo. O rio Douro também guarda o dia. Muitas crianças atrás de nós. Uma delas vem ter comigo e pede um beijo: *dê-me um beijinho*.

O nosso Jornal

Júlio diz-me que é necessário não deixar arrefecer e de vez em quando, malhar. Ora nós não temos razões de queixa; não temos. Não há febre. Não há apertos. Já não vemos aquelas extensas listas da campanha. Mas a verdade é que o fio não se perdeu. Marchamos prós cinquenta mil.

Aqui deu-se o primeiro choque do Fernando Marques. Ele nunca tinha ido comigo ao Barredo. *Olhe que fome de carinho; não lhe pede um tostão, pede um beijo*. Ai vem outra visita. É no segundo andar. Hoje estava no leito quem eu sempre encontro na rua. É num sítio certo, arrumado a um dos muitos arcos da Ribeira. É o seu terrado. Ali tosse e estende a mão e curte fome. Hoje, porém, por não haver gente nas ruas, ele descansa em casa. É o seu dia de descanso. Lá estava no leito. Ao pé a mulher, sentada numa cadeira e tão doente como ele. Começo a perguntar: Conferência? Polícia? Caixa? Defesa da família? *Nadinha*, era a resposta da mulher. Este *nadinha* na boca dela, é um superlativo. Os gramáticos não sabem todas as regras de gramática. Ali abafa-se. O Fernando Marques tem os olhos rasos... Eu gosto de ver lágrimas. Gosto de quem chora. Falando da renda, são cinco escudos por dia. Qualquer investigador, ao ouvir aquele *nadinha*, teria curiosidade de saber de que vivem os dois. Eu já sabia, mas quis que ela o dissesse por causa do meu companheiro. Quem sabe se uma visita desta natureza, não venha a ser pela vida fora memória construtiva? Eu cuido que sim, por isso gosto de me fazer acompanhar da Mocidade. Perguntada, a mulher do doente, ela também doente, informa que são os vizinhos. *São eles que nos trazem um comereinho*. Ali é a regra. No Barredo existe a comunhão. Mais uns minutos e outra vez na rua. Dum grupo de pequenitos sai um e quer-me dar um bocadinho de melão! Outros episódios. Mais vistas. Tudo panoramas desconhecidos do meu companheiro. Quando chegamos ao *Morris* era um mar de gente! Homens. Só homens. Muitos. Não diziam nada, mas sentia-se o volume. Se acendessemos um fósforo dava-se a explosão! Eram os olhos. Era o semblante de cada um. Era sobretudo este nada dizer num momento em que todos queriam falar. Eu também nada dizia e dentro, baixinho, conversava com o Pai Celeste. O carro sobe a rua de S. João. Fernando Marques vem aos meus ouvidos e segreda: *Que grandes amigos!* O rapaz viu bem. Compreendeu. Sentia sobretudo a grandeza do silêncio. Não há eloquência igual à das obras feitas. Fazer e não falar, é uma força esmagadora. *Que grandes amigos*. O meu companheiro, sem dar por isso, foi naquele momento um

Quem quisesse fazer um estudo sério das realidades sociais do nosso tempo, era vir aqui e demorar um mês. Não lhe faltaria matéria de estudo. As cartas são às torrentes e na maior parte, assim como esta de hoje, dizem a verdade.

Uma vez que os Diários se ocupam com assuntos do estrangeiro, ninguém nos levará a mal se nós nos ocuparmos das coisas de Casa, a ver se, de qualquer modo, podemos fazer algum Bem às «classes médias» e outras. Nem outra é a razão desta carta:

«Trabalho há oito anos aproximadamente numa casa. Sou casado, tenho dois filhos. Escusado será dizer que são a alegria do meu lar. Minha mãe impossibilitada de trabalhar, por uma doença que não perdoa. Minha mulher auxilia-me muito; mas mesmo assim, não podemos lutar com tantas dificuldades. Doenças que

causam atrasos formidáveis, e receio deixar de cumprir com os meus deveres como homem e chefe de família. O meu ordenado são 900\$00 mensais! Pago de aluguer 180\$00 — por uma casa sem comodidades — descontos para sindicato, fundo desemprego, caixa, etc. 45\$70. Luz, uma média de 20\$00. Depois de pagar isto, sobram-me para o merceeiro, leiteira, padeira etc. enfim, comer, vestir e calçar 5 pessoas com 654\$30. Uma média de 4\$50 diários para cada pessoa! E eu, não posso andar com calças remendadas, descalço nem sem gravata! Chamam a isto a «classe média!!!» Só em pão, tenho de dar quase os 4\$50 por dia aos meus filhinhos! Como poderei evitar a tuberculose em minha casa? Como poderei educar os meus filhos para amanhã não caírem na lama, na miséria? Assim, por força que serão mais dois infelizes num futuro próximo!»

Pagar pagava eu

Estava eu hoje na capela, quando vejo entrar um homem e ajoelhar-se nos degraus do altar. Não me mexi de onde estava. Ao olhar, noto que se tratava de um pedreiro. Um pedreiro meu conhecido, que tinha justamente lavrado aqueles degraus mal-lá pedra do altar. É o senhor Teixeira. Na sacristia pergunto e ele diz-me ao que vem; *uma ajuda*. Fez as bodas de ouro na sua profissão e hoje vê-se sem nada. *Ninguém me chama nem eu posso*. Traz na lapela do casaco o sinal de luto: *Foi a minha mulher*. E conta-me de como, havendo ficado só, procurou o arrimo de uma sobrinha tão pobre como ele! Eram horas do café. Convideio-o e ele disse-me que sim. No pequenino trajecto da capela para a cozinha, fizemos pausa e conversamos. Passam gaiatos. Da quinta sobem camponeses com hortaliça e fruta. Um rapaz com uma bilha de leite. Muitas galinhas. Gatos. O *Marão*. O senhor Teixeira recorda os tempos de novo, quando começou a arte: *Tinha vinte e dois anos*. Tem pena dos outros pedreiros. Parece mesmo

expositor do Evangelho. Mais do que grandes, poderosos. Mais do que poderosos, verdadeiros. Porque? Porque canonizado pelo próprio Deus! Que era a Obra da Rua sem estes amigos. E donde lhe vem todo o ser, senão destes amigos. E quem pode ir contra ela, se estes amigos são os nossos.

que fala deles com mais dó que de si mesmo: *andam todos a pedir*. Eu escuto. Procuo linhas e entre linhas da nova doutrina social. Gostaria de conhecer para aconselhar. Demos dois passos em frente. Eramos agora à porta da cozinha. Peço para ele café e pão. Os seus olhos falam. Café e pão! Aproveito e interrogo. Que não. *Não tenho nada de ninguém*. E a seguir continua: *pagar pagava eu*. Queria ele dizer dos descontos legais. Anos a descontar!

Esta é a voz de milhares de pedreiros. Este homem, triste como vive, infunde os mesmos sentimentos nos novos da sua classe. Ao vê-lo assim, convencem-se que, se Deus os não chamar antes, aquela também será a hora deles. Nós que lidamos com pedreiros estamos afeitos a esta so te de queixumes; *depois de velhos, um pau*. É um caso arrumado. Uma fatalidade.

E contudo estas classes sentem que as coisas não estão no seu lugar. Aquele *pagar pagava eu* é protestar com a força de um verbo repetido: *pagar pagava*. Uma vida inteira a trabalhar honestamente e acaba a mendigar! Tem graça que o dia foi para a romaria; enquanto o senhor Teixeira tomava o seu café, aparecem mais dois homens meus conhecidos, da mesma idade e circunstâncias. Três cafés. Está doente a sociedade. Doente em seus fundamentos. Pé de barro. O café que nós lhes demos, ajudas possíveis, bons tratos,

(Continua na 4.ª página)



Aqui, LISBOA!

Quem deixa a estrada de Torres e se encaminha para os lados de Bucelas, na subida de S. Roque, vê aparecer-lhe de frente uma casinha branqueada, de varanda acolhedora onde, ainda há pouco, se notava apenas um monte de escombros. Tem uma história aquelas ruínas que cederam lugar a duas casinhas do Património dos Pobres.

Noutros tempos de pacífica e tradicional observância religiosa, era aquele santuário local de lusi-dia festança paganzada, com bailes, cavalhadas, foguetório, banquete eclesiástico etc. etc. Todos gozavam com a patuscada ao divino menos o *Senhor S. Roque* como o povo lhe chamava, cuja vida austera, de peste, privações e morte no aljube, eram a condenação de todo aquele desenfreado paganismo. Nem as autoridades civis nem religiosas eram capazes de pôr termo a uma tradição ancestral.

Entretanto as coisas mudaram e subiu ao poder um senhor que se arvorou em reformador da região saloia. A reforma resumiu-se na expoliação de tudo quanto cheirava a clerezia. A sua sombra assaltaram-se igrejas, queimaram-se templos e imagens sagradas, expulsaram-se os padres, e as alfaias de valor material ou artístico foram «sacratissimamente depositadas na Caixa Geral dos Depósitos»...

Foi esta a sorte da nossa igreja e, como não podia deixar de ser, a do Senhor São Roque. O povo alarmou-se de tal maneira com a aproximação duma força de polícia vinda para inventariar os bens do Santuário que se armou para o defender. Baldados esforços. As patas dos cavalos não conhecem cores nem patriotismo. Os azulejos, as portas, os telhados, a talha, tudo desapareceu. As silvas, invadiram o local e há já muitos anos que os recantos das ruínas serviam apenas como esconderijo de obscenidades.

Muitos mais anos se passariam se não tivesse surgido o Património dos Pobres, que tem tido o mérito de aproveitar o que os outros rejeitam por inútil. Aí estão agora as duas casas a arrancar louvores a muita boa gente.

Tem-me feito meditar um pouco este caso de S. Roque, o mais insignificante a final de quantos casos idênticos se passaram no País desde a sua fundação. A piedade popular em épocas de autêntico fervor ou em horas de aflição epidémica, lançava os fundamentos duma pobre ermida; os tempos iam juntando reais valores ao primitivo património. Vinha a seguir a riqueza com o seu natural espanto, e, com a riqueza, a quebra de espírito, a ostentação, o luxo, a cobiça, os escândalos. Como ninguém se lembrava de que o supérfluo é o património dos pobres, daí os gastos inúteis que nuns faz crescer a inveja noutros a revolta. Um ódio latente fruto da ignorância religiosa e alimentado pela injustiça, ia minando à espera de ocasião propícia para se expandir. E tudo ia acabar numa cavalgada onde os menos escrupulosos acabam por se locupletar. Quando o Estado chegava, pouco mais ia encontrar que os imóveis, nalguns casos já calcinados. E como a história é mestra, nós podemos

trazê-la aqui para que nos elucide. Nós estamos num período da invejável calmaria. Não no-lo proporciona a Providência para nos pomos a dormir. O sossego é apenas superficial. Se retirássemos o véu que encobre muitas misérias, veríamos muitas feridas de irmãos nossos em sangue. Não é o martírio pela fé, mas um martírio de fé para alguns e martírio de privações para outros. E nem uma coisa nem outra são tranquilizadoras. *A hora*—há muito que se repete—*é decisiva*. A actual situação dos infelizes deve fazer-nos abrir os olhos. Tudo nos convida a procurarmos fazer reverter em seu favor as energias latentes do Evangelho. O Património é uma oportunidade. Mas há muitas mais obras de indiscutível oportunidade social.

Aos caros irmãos no sacerdócio, aqui deixo um grito de alarme. De pouco valem as romarias, as aparatosas paradas, as confrarias, os trigésimos dias, quando por debaixo de tudo isso e o mais que se não diz, se não sente crepitar o fogo da Caridade. A Religião é Amor. Nele a essência. Do mais, tanto quanto baste.

Padre Adriano

DOCTRINA

Tendo nós efectuado a última reunião em Paço de Sousa, ora quatro padres, fomos levados a Beire, que dois deles ainda não conheciam. Começamos pela parte mais alta da mata. Aquela quinta não é para nós um sabor de posse, tanto como campo de novas aventuras. Aventuras de Deus! Enquanto descíamos padre Adriano queda a meio da encosta. Olha em redor. Marca os pontos cardiais. *Aqui. Aqui era bem*, diz ele. Fizemos grupo. Em redor tudo é mato, musgo nas pedras e pinhas no chão. Éramos quatro. Só quatro. Riscamos na terra. Medimos os ventos. Demos o no-

As nossas edições

Como todos sabem, anda no prelo o livro «Viagens» que vai ser o presente do Ano Novo. Ainda não saímos do Brasil e já vamos na quinta folha. Depois Açores e por último África.

Enquanto viajamos, damos corpo e alma a uma outra realidade; o trabalho dos rapazes. Júlio pediu gente nova e no fim dos exames escolheu 4. Outros, dos maiores, já prontos, foram—e embora ganhar o pão. Sempre que ali entro e vejo deles à roda do prelo grande e deles à roda dos prelos mais pequenos e deles na composição e encadernação e escritório e tudo; sempre que ali vou, dizia, sinto-me invadido. Prego os olhos em todos. Ao fundo, na parede, uma formosa estampa do Coração de Jesus! São vossos, Senhor. Não digo mais nada e isto basta. Ora isto é a razão de ser do livro «Viagens», muito embora não apareça nas suas páginas.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

É raro o dia em que eu não recebo cartas, aonde se me pede uma casa das de Miragaia e do Carvalhido. Ora eu digo que não sou senhor delas. Segundo a nossa doutrina, as casas do Património são uma obra paroquial. É o pároco e a comissão de vicentinos aonde os há. E não havendo, o Pobre das casas do património, vive tão desamparado como na antiga barraca. Não têm pão, não têm roupa de cama nem de vestir, não têm remédios, não têm quem o ame! Nada adianta, pois, escrever cartas. Deu-me Deus a sabedoria de renunciar a tudo. Não sou dono.

Outro assunto que hoje desejo aqui expôr, é o receio que alguns experimentam de como há-de ser no futuro a conservação das casas; e acham que o mais acertado é não as construir! A isto responde-se que o dia de amanhã não é nosso. De resto, trata-se de um argumento evidentemente preguiçoso. As maiorias comem e não produzem e em tudo parecem encontrar fundamento para fugir ao trabalho.

Tenho na minha mão a importância de quinze mil e quinhentos escudos e já disse à comissão de Ermezinde que faço entrega deles quando vir ali com os meus olhos

algumas casas com telha. Tem acontecido ter feito entrega de dinheiro e as casas ficam por fazer. Também se de fonte muito limpa, que alguém residente no Brasil, mandou cinquenta contos para fazer casas e até à data o dinheiro rende juros num Banco há mais de um ano! Tenciono agir directamente. Sou procurador geral dos pobres. Tenho título para isso. Se naquela terra não há necessidade ou não as querem construir, que passem o dinheiro para as mãos dos que trabalham que nisso não contrariam a vontade de quem ofereceu. Não faltam hoje terras aonde não haja a febre da casa para o Pobre. Pois que entreguem aos doentes aquele dinheiro. Não há indivíduo, não há comissão, não há diocese, não há nação. Nem o Universo pode limitar a Caridade! Se não for aqui é ali; o que nós queremos são casas. A peste das obras é sempre a *obrinha!* A minha obra, a nossa obra. Há muitos sítios aonde nós, padres da rua, não temos licença de pedir, por causa desta doutrina falsa. O Pai do Céu faz chover no campo de justos e de pecadores. Os primeiros apóstolos faziam colectas em toda a parte e distribuíam a toda a gente. Este é o espírito do Evangelho. Quem contra?!

E agora esta carta:

«Mande dizer no «seu melhor do mundo» a todos os licenciados e doutorados de Portugal, para contribuirem, cada um, e uma vez por ano, com o mínimo de 20\$00. Mesmo que se trate do mais pobre licenciado ou doutorado, não são 20\$00 que alteram a sua vida, visto que a média mensal, quanto a contas, é de cerca de 1\$65.

E se todos derem, o Pai Américo poderá aumentar o património dos pobres, acrescentando-lhe por ano, mais umas dezenas de casas.

Para finalizar e calculando que no País existem 35.000 licenciados, das várias Universidades e de todas as idades, o total anual será de 700.000\$00. Isto será muito grande, com uma pequena ajuda de cada um!»

Ela não é mais do que a demonstração do profundo interesse que vai no interior dos homens; todos os homens de sensibilidade. Outros têm feito semelhantes sugestões; um da Beira, África, fez as contas e dava-me 300 contos por mês, se todos os empregados da Província de Moçambique quisessem oferecer cada um e por mês dez escudos. Ainda outros, outras. E afinal de contas, as realidades são diferentes. O bem dos outros raras vezes se toma por um nosso bem. Já combinei com o Júlio e no próximo Outubro iremos de porta em porta pelas ruas mais faladas, ouvir e aceitar de cada um o que cada um nos quiser dar. Saquei sobre o Porto. A mercadoria está à vista em Miragaia. Vamos à cobrança.

Mais outra carta:

«As doentes deste Sanatório têm-se interessado pelo Património dos Pobres, e gostavam que nas casas a oferecer a Nossa Senhora quando da sua vinda a Coimbra houvesse uma que fosse

(Continua na 3.ª página)

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** O *Passarinho* recebeu uma carta do Brasil. É verdade. Recebeu sim senhor. O dia 18 de Julho é a festa de S. Camilo de Lellis, fundador da ordem dos ministros dos enfermos. Na Tijuca existe uma casa destes Religiosos. Pelos jeitos assim ali o jornal e afivem a carta do *Passarinho* ao saberem como ele trata a sua doente. O que tem mais graça é que foi justamente a 18 de Julho dia do Santo, que a carta se recebeu. Dentro vem uma cruz pequenina de pano vermelho que é o distintivo da Ordem. Camilo de Lellis ateimou naquele tempo e por três vezes deu entrada num convento de Franciscanos para ali professar e outras tantas o mandaram embora. Não professou. Os caminhos de Deus foram sempre tortos, dolorosos e incompreensíveis. Tudo é vedado aos escolhidos. *** Quem entrar hoje na nossa cozinha, não vê paredes interiores pois que toda a superfície dos quatro lados está coberta com grandes fotografias dos grandes jogadores da bola. Também natação. Também corredores. Tam-

construída com os donativos de doentes das várias casas de Saúde e Hospitais de Coimbra, para isso elas já têm um mealheiro sendo o primeiro dinheiro a entrar o fruto de um passeio sacrificado por essa intenção. São poucas e pobres mas esperam em breve ter 1.000\$ para a Casa de Nossa Senhora da Saúde. Quererá V. apoiar e ajudar no Gaiato essa iniciativa? Muito gratas todas lhe ficariam.

Não só de Coimbra, mas todos os doentes de todos os hospitais e sanatórios do País. Aqui é mais fácil. Haja um enfermeiro em cada secção. Os doentes estão e eu sei que muitos querem e precisam de dar. A cama é mestra...! Nos meus tempos de Coimbra era justamente da cabeceira dos quartos particulares, que eu fazia as maiores distribuições pelos pobres da cidade e até de longe; tanto me davam! Bastava constar que eu passava nos corredores, para imediatamente ser intimado a entrar. Dinheiro, objectos, joias—leve e dê. A cama é grande mestra...! As vezes acontece que não é tanto a mestria da cama como o desejo de sair dela. Porém, seja como for, Deus de tudo se serve para propôr aos Seus remidos morada decente. Já que outras cartas aqui sugerem também eu sugiro. Faço esta sugestão, que é um apelo. Um enfermeiro. Uma enfermeira. A faúlha lança o fogo. E não só os doentes, mas também os senhores doutores. Um enfermeiro diz bem ao pé de um Médico. Muitos deles, sobretudo os do bisturi, andam carregados... E não só os médicos, mas também as visitas. O enfermeiro ou enfermeira encarregados do *incêndio*, sabendo que há visitas nos quartos, vão ver o seu doente e, para usar a nossa graciosa linguagem, *acaça-os* ali. Também os visitantes precisam de dar. Os que têm, precisam. Precisam sim senhor. Que esplêndida colheita! Quantas casas! O Carmo. A Trindade. A Carcereira. O Terço. Santo António. S. Francisco. Coimbra há um mundo de Casas de Saúde, com resultados à vista... Lisboa não se fala. No Sul também. Quantas casas!

bém toureiros. Tudo. Um verdadeiro mundo de atletas.

*** O *Formiga* deu-se por saturado e agora é o *Pretita*. É ele o das capoeiras. Esta sorte de rapazes e em regra todos os rapazes, não seguram por muito tempo uma obrigação. Sentem necessidade de variar. Hoje é o *Filipe*. Dá-me muito que fazer pois que me vem chamar e eu não tenho remédio senão ir ver os gansos e os patos e as galinhas e a limpeza das capoeiras. Sobretudo os pintafinhos. Ele perde a cabeça com eles e faz-me perder a minha. Eu hei-de ver a cor e o tamanho e a plumagem e a crista e o bico e os pés e todas as partes do engraçado corpo destes alados. Hei-de ver e hei-de apreciar. Se assim não for o *Pretita* fica triste. Ora eu quero vê-lo contente. A base de toda a educação é justamente produzir satisfação na alma do educando.

*** O Padre Carlos foi ao hospital Joaquim Urbano ver o Antoninho que ali se encontra. O Antoninho é irmão do Manuel das Eirinhas e ambos são nossos, que a mãe não os pode ter. Ela teve oito e é viúva. O Antoninho é um rapaz cheio de candura e tudo quanto faz é perfeito. Antes de ir para o hospital era meu refeiteiro. Padre Carlos tinha-se munido de uma dúzia de terços e durante a visita oferece um ao visitado. Este pediu-lhe—*dê os outros a estes meninos*. E imediatamente conta de como todos eles se juntam à noitinha no hábito de rezar o terço. Padre Carlos comove-se infinitamente e deixa ficar nas mãos do Antoninho tantos quantos levava. Todos nós, ouvindo esta narrativa, temos necessariamente de nos comover por via da sua natureza. Os próprios empregados daquele hospital, afeitos a ver chagas e ouvir ais, hão-de parar e escutar. É o Antoninho e outros como ele, à roda dele. Dou graças a Deus por ter posto este episódio quase divino ao alcance do Padre Carlos. Ele é novo na Obra. Tem necessidade desta sorte de contacto para suportar amarguras que vêm lá. Dou graças a Deus.

*** O *Chico das Pombas* como todos sabemos, é hoje pai de família. Esteve aqui a perguntar-me se podia cá trazer o filho para eu ver—*que no Porto não há outro assim*. O Camilo da Póvoa, que também é casado, veio-me comunicar que tem um filho e na *Póvoa não há outro como ele*. Amadeu Fino de Luanda, manda-me o seu retrato com dois filhos ao colo. O antigo *Piriquito* pede um berço. O Carlos Veloso entra há dias no Lar do Porto com o seu primeiro filho ao colo; ele mora ali perto. Apenas entra no escritório, começam a entrar também rapazes, todos em disputa de quem lhe havia de pegar. O António carpinteiro aparece por aí muitas vezes com o primeiro filho. Nós somos uma família.

*** A senhora da cozinha vendeu o *Zé Ganso*, reinando por isso na aldeia grande consternação. Ela procura em todo o modo alindar as mesas da cozinha e refeiteiro com pedras de mármore e como não tem receitas, dá em ir às capoeiras. Foi assim que ela vendeu por quarenta mil reis um casal de gansos. Quando deram por ela, já o galinheiro ia longe com a canas-

tra em cima do burro. Lá se foi o *Zé ganso!*

*** O nosso mais pequenino chama *mãe* à senhora da cozinha e não larga a saia dela. Ontem, nas capoeiras, a senhora levanta uma galinha botada, a ver se já tinha pintafinhos. Era o tempo. Acontece que alguns estavam justamente a sair das cascas. O pequenito olha e entra em delírio. Bate as palmas de contente. Pergunta e torna a perguntar. Quere tomar nas suas mãos o inédito; e nunca mais largou a *mãe* a perguntar—quando é que a galinha põe mais pintafinhos.

Outro que já cá estava, também de cinco anos, dá o mesmo nome à mesma senhora. Acaba de comer no seu refeiteiro e entra no das senhoras: *O mãe dê-me uma coisa*. Por coisa entende ele uma lar barice e se a *mãe* lhe dá uma côdea, ele declara logo—*isso não é uma coisa*. Tudo isto que hoje aqui trazemos, não merecia vir à estampa se não fora a sua transcendência e argumento do valor desta obra social. Na verdade nenhuma destas crianças conheceu jamais vida em família. Jamais conheceram mãe. Tudo isto que hoje gozam era uma coisa escondida e se tão depressa a acharam, é que, na verdade, esta coisa estava dentro deles. Uns dias depois de ter chegado, um deles vem-me comunicar que tinha comido um prato de batatas com peixe. Eu respondo que não tinha comido nada. Ele responde muito depressa que tinha sim senhor—*a mãe também lhe deu*. Tudo nele é intuição. Nada tem aqui aprendido destas doces maravilhas. Tudo trazia desde o ventre de sua mãe. Est. O outro. Todos. Lição: demos aos sem família uma educação em família. *** Mas nós também temos o amargo. Temos sim senhor. Há muitas coisas que mudam no ra-

paz quando ele começa a mudar a fala. Assim aconteceu agora a um do Lar do Porto. Tivemos de dar ao seu patrão novecentos e setenta escudos... Fez aqui a sua escola tendo batido todas as telas de vida de casa. Foi meu refeiteiro. Eu chamava-lhe a minha estrela. Depois da quarta classe foi para o Lar do Porto. Colocou-se. Durante o primeiro ano não houve novidade. Até que apareceu o *homem inimigo* e começa a lançar má semente na alma do rapaz. Uma vez descoberto, fugiu. Regressou. Hoje dá serventia aos trochas e tem diante dele um largo ano de duros trabalhos, antes de regressar a um novo emprego. Nós também temos o amargo.

*** Ontem veio aonde eu estava um visitante muito comovido, a pedir-me que o acompanhasse à Capela. Caminhei cheio do curiosidade; o que teria acontecido? Entramos. O visitante ajoelha-se por um nada e eu faço na mesma. Ergue-se e vai direite aos degraus do altar. Ali, sobre uma almofada de damasco, repousava um pequenino gato, a dormir: *olhe!* Eis um visitante que sabe ver. *** O *Figueira* mai-lo Américo são hoje os grandes da Casa. Tudo gravita em redor deles. Cada um tem 5 anos e ambos são muito amigos. *Figueira* adoeceu e o seu companheiro coloca-se à porta do quarto, avisando quem passa—*não faça barulho!*

Américo também tem estado doente por super-alimentação. Todos lhe querem dar. Grandes, pequenos, médios; à hora de comer é aqui uma desordem. Erguem-se da mesa e vão ao refeiteiro dos *Batatas* levar uma coisa aos dois. Américo é o que menos resiste, e adocece. A *mãe da cozinha*, quando assim é, faz puré de batatas. O pequenino aprecia e pede mais: *faça-me batatas mastigadas*.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Ainda o último jornal, que trazia o *apelo*, rolava na máquina e Deus já tocava mais forte no coração dos amigos da Conferência. Quem lida neste campo abençoado da Providência vê casos assim, amiudadas vezes. E tenho para mim que é a nossa aflicção. O nosso amor pelos pobres. A nossa luta interior pela perfeição—quedas e arrependimento. Em suma, o poder da Infinita Misericórdia de Deus.

Durante a quinzena, recebemos da assinante 20.705, oitenta escudos. Eduardo Chaves e José Ribeiro Machado, de Rio Tinto, 20\$00 cada. Do nosso muito amigo e Sr. Joaquim Almeida, gerente do Hotel Globo e Hotel Turismo de Luanda que com tanta fidalguia nos recebeu no primeiro, durante a nossa estadia na progressiva capital de Angola, 700\$00 para os pobres. Ainda agora, passados dois anos, ainda agora, digo, as recordações e saudades do que por aí vimos e sentimos, se mantêm acessas no fundo dos nossos corações. Da Figueira da Foz, uma carta: *Junto envio os 50\$00 referentes ao mês de Agosto. Maria José. Maria da Graça, da Praia da Granja, 100\$00. E mais 100\$00 de Padre João de Aveiro. E 20\$00 de António Luís Almeida. De Gouveia, em cumprimento de uma*

*promessa, aí vão 100\$00, para a Conferência de S. Vicente de Paulo. Do Sr. Rocha do Coliseu do Porto, 20\$00. Assinante 2164 do Porto, 60\$00. De Um Doente, que graças a Deus saiu a salvo duma intervenção cirúrgica, 40\$00; que as melhores continuem a acentuar-se, a bem da sua prole. Numa simples folha de papel picotado—*agradecendo o bom resultado num exame, 20\$00. Agostinho Moutinho, de Cabeceiras de Basto, outro tanto. De Joaquim Queiroz, 50\$00 para a Conferência dos Gaiatos de Paço de Sousa, quantia esta que meu filho tinha prometido do primeiro dinheiro que recebesse ganho por ele.**

Assinante 14.912. 20\$00; a letra da carta é conhecida. *Di Minucha e 3 priminhos, 100\$00; obrigado pela vossa assiduidade. Conceição Barredo, 20\$00 por alma de meu marido. Maria Vitória do Porto, 50\$00 para os seus pobres. De Parede, 7\$50. Mais 5\$00 do assinante 6.830. Mais uma carta que reza assim: *caro amigo: desejo que esta reduzida contribuição (50\$00) o ajude—alço que seja—na obra da sua Conferência. Deus vos proteja. É do Porto.**

E mais nada. A todos, que Deus lhes pague.

TRIBUNA DE COIMBRA PELAS CASAS DO GAIATO

Nunca me pareceu tão necessário ser instrumento de salvação para meus irmãos como agora a correr praias e termas.

Meu Deus! A Doutrina que por lá temos de pregar parece-nos muito mais escaldante. Ficamos esmagados com aquilo que vemos. Nós só pregamos nas igrejas e capelas e só durante a Santa Missa e à altura própria, mas mesmo ali estremeçemos.

Pela semana adiante ouvimos e presenciámos e sentimos o desconforto e o abandono dos nossos irmãos pobres. Pobres daquilo que os ricos têm e ricos daquilo que falta aos ricos.

Há dias fiquei ao lado do altar até ao fim do Sacrifício e perto e também em volta, muitos cristãos.

Senti-me tão mal! Eram tantas pulseiras e anéis e colares e joias e pinturas e decotes! E nós sentimos a doutrina ali tão importante e tão descabida e tão incómoda! E contudo temos de a pregar. É o Evangelho.

Tenho pregado que há dias me procurou uma pobre preta, com três filhinhos pela saia e uma ao colo. Tem o filho mais velho de quinze anos e o marido ainda novo a deitarem muito sangue pela boca e o filho já se não levanta e o médico mandou separá-los, para não haver contágio... Mas como se podem separar se vivem todos num fundo escuro por debaixo dum barracão? E como se hão-de tratar se o ganho é só o daquela pobre mãe que vai dar alguns dias fora e deixa assim os seus amontoados e sem lume? E como hão-de pagar renda de casa se são bocas a comer e corpos a vestir?

Ao ver aquela miséria peguei em dois dos filhinhos, um de cinco e outro de quatro anos, e levei-os

para as Colónias de Férias. Um só levava no corpo um pobre bibe de riscado. Quanto por lá encontravam nas saquitas dos companheiros quanto roubavam. Vieram várias vezes buscá-lo; já longe, de fugidos. Nunca tinham visto uma cama.

Que será esta família amanhã? Naquele ambiente onde vivem, que aprendem eles e como vêm o resto da sociedade?

Que culpas é que lhes podemos atribuir?

E andamos nós agora na Campanha da Paz e muito convencidos que a conquistamos por orações públicas e cómodas. E esquecemo-nos de que esta guerra é a ausência de Deus no Mundo. E queremos que Deus reine neste ambiente?

Deus só reinará na Sociedade, quando reinar nas famílias. E só reina nas famílias quando estiver na consciência de cada pessoa. E só pode estar em cada pessoa quando nos amarmos uns aos outros como irmãos e nos lembrarmos que somos todos filhos do mesmo Pai Celeste.

Este é o Caminho.

E agora atenção ao que nos deram por onde andamos. Não falamos do carinho que nos dispensavam. Esse não pode ser publicado. Para cima de dois contos de Monte Real. Este ano foi menos, porque menos gente. Cinco e meio do Luso. Onze de S. Martinho do Porto. Quatro de Santa Catarina da Figueira. Que o Pai do Céu tenha olhado com benevolência para todos quantos nos deram.

Padre Horácio

UMA VISITA

Estando eu ontem no Tojal, pedi ao Padre Adriano e fomos ver. Já antes havíamos estado em Belas, na casa das doentes e agora fomos ali ao pé, à casa dos doentes. Trata-se de pobres com alta dos sanatórios e hospitais, sem meios de vida para continuar seus tratamentos e que fatalmente haviam de recair, não fosse o auxílio de alguém. Na primeira casa são quase todas doentes pulmonares; são operárias, são criadas de servir, são costureiras. Falamos com uma grande dúzia delas; alegres, bem dispostas, felizes. Ali é tudo feito por suas mãos. Hoje calhou visitar a casa dos homens. Fica perto de Odiveiras e eis aqui a nota verdadeiramente interessante: doentes da mesma espécie e igual categoria, ali é tudo feito por suas mãos! A dona de casa é um caixeiro viajante. Foi ele quem nos recebeu. É ele quem administra. Vimos dois doentes a descascar batatas e cenouras. O cozinheiro é um profissional e por graça também é o ajudante de cozinha. Outros espanam e limpam e procedem a pequenas obras de arranjo interior. Falamos a cada um. Todos se mostram felizes na sua grande pobreza. Não são todos pulmonares; há outras doenças crónicas. Isto aqui é nosso. Todos trabalhamos para a comunidade, informa o caixeiro viajante. Comunhão perfeita! A dona de casa veio conosco até à porta. Já somos

onze disse e podemos ir a quarenta.

De quem é esta obra? É de muitos e não é de ninguém. É mesmo necessário que não seja de ninguém por quanto, geralmente, o homem estraga a obra quando a quer fazer sua. É mais perfeito ignorar quem são os dirigentes. Saiba-se que é uma obra de doentes para doentes pelos doentes.

Já há muito que nos nasceu no peito esta doutrina nova e que aonde quer que se experimente, logo dá seus resultados. Eu era há muitos anos do Patronato das Prisões. Acudia pelos presos. Fazia por eles tudo e muito podia então, na minha qualidade de sócio actuante. Quando aquela obra nasceu, foi dada aos vicentinos, mas teve assim pouca vida; logo vieram os chamados assistentes sociais.

Faziam falta santos nos nichos... Os amadores deram lugar a estes. Ora estando nós um dia em reunião, sob a presidência do Director da cadeia, eu tomo a palavra e declaro que era possível melhorar o ambiente prisional, mandando embora todos os guardas e fazer uma obra de presos, para os presos, pelos presos; e que dentro de pouco tempo se poderiam abrir as portas e observar que nenhum sairia sem cumprir a sua pena. Não sei qual foi o efeito destas minhas palavras no espírito do Director, o que sei

PAÇO DE SOUSA Os pequenos andam num renhido campeonato de futebol que muito entusiasma. O grupo mais em evidência é o Belenenses e também não admira pois ele tem os melhores jogadores. O grupo mais fraco é o S. C. Covilhã, que tem a virtude de saber perder.

Isto é muito interessante: quando se ganha, o árbitro é o melhor do mundo, quando se perde é o contrário.

Não se assustem os nossos amigos que isto no fim dá tudo certo. Além de se verem narizes a escorrer sangue, caras arranhadas, logo se vêm juntamente abraços e sorrisos amigos. Tudo isto é preciso. Tudo isto tem valor. Se não fosse assim, não seria a Casa do Gaiato. Se o amigo leitor quer ver ainda melhor do que nós, é só cá vir, pois nós nada escondemos. Mostrando as virtudes e defeitos. O que é Branco é Branco e o que é Preto é Preto.

—Agora pedimos aos nossos fiéis amigos que ajudem a nossa conferência que está muito em baixo de forma, pois acusa um déficit bastante grande e tem muitos pobres que necessitam muito do seu auxílio sem o qual não poderiam viver.

Nós não somos confrades mas fomos visitar uma pobre e vimos este quadro:

Em cima de duas tábuas mal feitas o corpo seco duma velhinha paralítica, abandonada pelo seu filho que lhe deu tanto trabalho a criar. Foi mesmo por causa de es que ela assim ficou pois levantava-se às cinco da manhã e deitava-se às dez da noite, para arranjar alguma coisa que lhes consolasse o estômago e este agora foge dela e ainda lhe levam alguns farrapos que dormia, deixando-lhe as pobres mantas já carcomidas com a idade e que lhe cobriam o corpo imóvel.

Quando lhe perguntamos se foi ela que os mandou embora esta com uma bondade impressionante diz:

Eles é que quiseram, eu não os mandava nunca, e adé é assim.

Não se esqueçam portanto amigos de nos dar o seu apolo, pois não se pode pregar doutrina a estômagos vazios.

—Agora vamos até ao hospital, onde temos doentes. O cicerone somos nós mesmos...

Depois de vermos a sala muito ajeitadinha entramos na camarata à direita e damos com três à travessurada: os dois irmãos de Parada, Artur e Zé Relhas contra o Faisca que já não estava lá muito bem disposto. Ficaram surpreendidos com a nossa entrada e disseram: Éh Pál se era o Senhor Padre Carlos...

Sentamo-nos num banco pois estamos muito cansados.

Entra a Senhora e pergunta se todos tinham tomado os dois comprimidos à qual o Relhas responde que só tinha tomado um e meio por ter dado metade ao irmão, por ter perdido o seu. Os restantes doentes acharam graça ao Relhas e foi uma grande risota...

O mais alegre é o Trofa, seguido logo de perto pelo Faisca.

—A cozinha do forno já está a funcionar. A primeira fornada não ficou muito boa pois ficou queimada, mas esperamos que daqui para diante isso não deve acontecer porque a malta não pode passar sem borra.

—Tem afluído grande número de forasteiros todos os domingos à nossa aldeia. O último mês foi o de maior número de visitantes. Muito temos a agradecer a todas as pessoas que nos têm visitado.

—As nossas ramadas estão carregadinhas de uvas que até mete cobiça.

Pagar pagava eu Continuado da 1.ª página

nada disto supre nem satisfaz. Há-de ser a justiça. Enquanto aqui não chegarmos, não temos feito nada. Ou então por simpatia com os Teixeira, solidários, decline cada um suas reformas e tenças e vamos todos comer pão amargo. Não seria fazer justiça, sim, mas era veemência.

O HERLANDER

Perdão; o senhor Doutor Herlander, acaba de ser colocado com um *Bom* na Comarca de Celorico de Basto, Notário, aonde também tenciona advogar. Deus o ajude.

é que daí a dias recebi uma carta a dizer que nunca mais ali tornasse. E eu nunca mais ali tornei.

O guarda da fruta é o Caçoila. Tem de abrir os olhos e ele está a ficar com muita carne à frente deles, devido à gordura...

Põe-te a pau Artur, senão as coisas vão correr mal.

Dantel Borges da Silva

LAR DO PORTO — No dia 29 de Julho fez 25 anos que o nosso Pai Américo se ordenou e, como não podia deixar de ser fizemos uma pequena festa. De manhã fomos ouvir Missa pelas suas intenções onde muitos de nós comungaram oferecendo este acto solene ao nosso Pai Américo que sem dúvida nenhuma era merecedor disto. A comida foi melhorada e à noite é que foi a festa; os grandes vieram comer conosco. No refeitório onde está um quadro com o retrato do Pai Américo foi colocada uma toalha de modo a enfeitar o dito quadro, e houve um Porto de honra ao qual todos brindámos com grande satisfação e alegria. Depois o Senhor Padre Carlos discursou para nós a respeito do que a gente deve ao nosso Pai, e portanto para nós nos portarmos bem nos empregos para não darmos tristezas, àquele a quem nós todos muito devemos. Terminado assim esta festa que tão depressa não nos sairá da memória.

—Temos feito cá alguns jogos em casa com bolas de farrapos que têm sido sempre muito afeitos. Os encontros têm sido disputados assim, uma mesa contra as outras todas, em que a primeira tem saído sempre vencedora. Resumo: 3 vitórias e uma derrota. Como isto já aborrecia resolvemos fazer os do primeiro andar com os do segundo, em que novamente os primeiros ganharam por 32-9 depois de os nossos adversários nos terem prometido uma diferença de 10 bolas. Afinal eles é que apanharam 23 de diferença. Os senhores não pensem nos resultados por eles serem muito grandes porque o nosso campo cá em casa não tem mais de 30 metros.

—Alguns de nós resolveram ir tirar o curso comercial na Escola Oliveira Martins, e por isso pediram ao Senhor Padre Carlos a ver se este dava licença e ele depois de pensar resolveu que sim, mas quem desistiu tem que dar o dinheiro das propinas e dos livros para a Conferência da nossa casa. As propinas e os livros parece que ficam de borla visto a gente estar na casa, e assim quem desistiu tem que descontar o seu dinheiro a favor da nossa Conferência.

João de Buarcos

TOJAL Depois de construída a nossa casa, os operários passaram à construção das oficinas. Andam um ror de rapazes a dar serventia. O Rocha como já esteve algum tempo em servente de pedreiro, está a ver se é capaz de construir sozinho a lavandaria. Já está pronta e ele ajeita-se. Já foi ele quem pintou as janelas e portas da casa. Também pintou num destes dias uns baldes, jarros e móveis. Um dos jarros até parecia esmaltado. Além de jeito para pedreiro, mostra ser um bom pintor.

—Aqui há tempos o Pedro, ao trazer os rapazes da venda na furgoneta, trouxe um cão. O cão é da raça dos barbos, uns chamam-lhe bigodes outros barbaças. Só serve o bicho para brincar.

Durante o recreio, muitos só sabem é puxar-lhe pelas barbas e pelas orelhas. Um até para se divertir, atou-lhe uma lata ao rabo e fê-lo correr e toca de se rirem todos ao verem tal panorama.

Uma ocasião estando um a puxar pelo rabo e outros pelas orelhas, o animal fartou-se de brincadeiras, e deitou os dentes a um deles, e até hoje mais nenhum brincou com ele. — Já regressamos da nossa colónia de férias. Pois os bons ares da praia e as pratadas cozinhadas primeiro pelo Bicudo, depois pelo Corre-Mundo, faziam engordar a todos. Muitos não queriam vir de lá, porque comiam mais, trabalhavam menos e brincavam todo o dia. Mas isso não é vida. Agora está um turno de meninas e depois segue-se ainda outro e pronto.

Joaquim A. Gouveia Marques

Venda do jornal em

Viana do Castelo

A venda mantém-se em toada progressiva. As portas das igrejas, nos cafés e os meus fregueses conseguem aliviar-me do peso dos 150 jornais. Continuo a prestar homenagem aos meus fregueses, em especial aqueles novos que, não conhecendo a nossa Obra, nos vêm cair nos braços com perguntas que nos doem o coração. É assim que eles nos vão conhecendo! Penso na recepção em casa do Sr. Batista, mestre de Natação do S. C. V., que mais uma vez teve a amabilidade de me receber onde me serviram uma lauta refeição. O Sr. José de Melo, continua a receber-me de véspera aonde fico para o dia seguinte. Agradeço à pastelaria Caravela os rebufados e outras coisas que me têm oferecido.

Manuel Henrique (Hélio)

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRÁFICOS. CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA